

Bancos insistem em receber atrasados

Nova Iorque— O Brasil e os bancos comerciais continuam a divergir sobre a maneira de enfrentar a moratória declarada pelo Governo brasileiro em fevereiro e como examinar uma solução, disse um banqueiro que participou das conversações preliminares em Nova Iorque. Os bancos insistem em que o Brasil deve fazer um pagamento por conta dos juros atrasados e negociar um pacote financeiro com a participação do Fundo Monetário Internacional.

O presidente do Banco Central do Brasil, Fernando Milliet, reuniu-se quarta-feira durante quatro horas com o comitê de bancos, no que foi considerado um reinício de contatos.

Milliet fez saber que entregou aos banqueiros cifras e projeções macroeconômicas para o período 1987-1991 e disse aos jornalistas acreditar na possibilidade de um acordo com os bancos sem a participação do Fundo Monetário.

Acrescentou que na retomada das negociações, possivelmente em setembro, o Brasil apresentará "um menu de opções", a exemplo do que fez a Argentina recentemente. Segundo ele, "esse é o caminho a seguir".

A uma pergunta disse que o Brasil poderia reiniciar os pagamentos de juros "quando for encontrada uma fórmula de entendimento e quando as reservas de divisas (brasileiras) chegarem a um bom nível".

Um banqueiro que participou das conversações e pediu para não ser identificado disse que "Milliet fez uma exposição em que detalhou os principais fatores da economia do Brasil", tendo, além disso, assentado as bases para o reinício das negociações com os bancos.

O informante disse ainda acreditar que "a maioria dos bancos é de opinião que o Brasil deve aceitar um entendimento não somente conosco, mas negociar nos moldes ortodoxos com o Banco Mundial, o FMI, o Banco Interamericano de Desenvolvimento, os governos e demais credores".

"O Brasil deve aos bancos cerca de 69 bilhões de dólares, e aos demais credores uns 40 'bilhões'", acrescentou o banqueiro. "não se pode esperar que nós (os banqueiros) façamos sozinho todo o esforço necessário. Todos devem colaborar proporcionalmente".

Esta insistência em favor de um entendimento global pode

forçar o Brasil ao diálogo com o FMI. Mas durante a reunião Milliet insistiu em que o País não deseja submeter-se a essa condição prévia.

Assinalou também o banqueiro que seus colegas consideram que "o Brasil está em condições de efetuar algum pagamento de juros, uma vez que em junho teve um superávit comercial de 1,4 bilhão de dólares".

Segundo o informante, Milliet declarou que o Brasil não quer efetuar qualquer pagamento enquanto não for negociado o pacote financeiro.

Já os bancos sustentam o ponto de vista contrário de que, para chegar a um pacote financeiro, o Brasil "teria de efetuar um pagamento por conta, um pagamento de boa vontade que, facilitasse seu retorno ao mundo econômico".

Finalmente, previu o banqueiro que as negociações formais começarão em setembro, mas que, nesse meio tempo, o Brasil continuará a conversar com seus credores para ir ganhando terreno.

Com uma dívida externa de 111 bilhões de dólares, os pagamentos de juros do Brasil neste ano são estimados em 8 bilhões de dólares.